

12ª Reunião Científica Regional Sudeste da ANPED

Diálogos entre a pesquisa e as políticas
de educação na atualidade

forpred
sudeste

E-BOOK / COMUNICAÇÕES ORAIS

anped

PPGE/CE/UFES, Vitória

10 a 13 de julho de 2016
www.anpedsudeste2016.ufes.br

12ª Reunião Científica Regional Sudeste da ANPED
Diálogos entre a pesquisa e as políticas de educação na atualidade

forpred
sudeste



Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CPI)
(Biblioteca Central da Universidade do Espírito Santo, ES, Brasil)

Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (12. : 2016 : Vitória, ES).

E56p Anais [do] XII – Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. [Comunicações Orais].
[organizadores, Alessandro Braga Vieira; Rômulo Teixeira Macedo; Suzany Goulart Lourenço; Jhonathas Andrade do Nascimento]. -
Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

4166 p. ; 29,7 cm

Tema: Diálogos entre a Pesquisa e as Políticas de Educação na Atualidade.

ISSN: 2175-2087

1. Educação – Congressos. 2. Pesquisa educacional. 3. Cursos de mestrado e doutorado em educação – Pesquisa. I. Vieira, Alessandro ... et al. II. Título.

UFES / BC

CDU: 37

FORMAÇÃO POLÍTICA E JUVENTUDE SEGUNDO ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS EM UMA UNIVERSIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Autor: Luís Antonio Groppo - Unifal-MG
Agência Financiadora: CNPq

Este trabalho sistematiza e interpreta informações coletadas em investigação orientada pelo autor e realizada por estudantes em uma disciplina eletiva de graduação, a respeito de movimentos juvenis, durante o 1º semestre de 2015. Os estudantes investigadores pertenciam aos cursos de Ciências Sociais (14), História (4) e Medicina (1).

As investigações trataram de 4 organizações juvenis atuantes no Sul de Minas Gerais, após a construção de uma listagem com 33 organizações deste tipo. Destas, duas serão tratadas neste trabalho, seções estudantis de tendências políticas de esquerda atuantes em universidade pública. Busca-se tratar aqui da dimensão educativa e da formação política promovida por estas organizações, a partir de reflexão sobre suas práticas e suas concepções de juventude e política.

O trabalho de investigação foi um esforço coletivo, a partir do desafio feito pelo professor-autor. Foi construído de modo dialogado, ao longo das aulas, um anteprojeto de pesquisa, que tinha, como objetivo geral, compreender os sentidos de juventude e política na construção da identidade das organizações juvenis do Sul de Minas Gerais. Também coletivamente, ao longo das aulas, foi elaborado um roteiro de entrevista para os representantes das organizações juvenis escolhidas para a investigação, que foi testado e aprovado. Além da entrevista, os estudantes-investigadores buscaram junto às próprias organizações e pesquisas na Internet, outros documentos produzidos por tais organizações (manifestos, material de divulgação e outros).

O referencial teórico orientador da investigação e da análise foi aquele que fundamentou a disciplina, sobretudo autores das ciências sociais com um olhar crítico e histórico sobre os movimentos juvenis na contemporaneidade, como Sousa (2008), Souza (2009), Groppo, Zaidan Filho e Machado (2008a e 2008b) e Mesquita (2008).

As organizações pesquisadas

Um dos 4 grupos de estudantes escolheu investigar, para a disciplina, uma seção juvenil da Maçonaria, atuante no Sul de Minas. Os resultados de sua pesquisa não serão tratados neste trabalho porque tal organização não se configura como movimento social, nem como organização ligada a algum movimento social, dado que a maçonaria e a seção

juvenil pesquisada são apresentadas como instituições “discretas” (não mais secretas) com intensas ligações com as elites econômicas e políticas constituídas.

Outra organização juvenil escolhida para a pesquisa foi um cursinho popular. Este cursinho foi tratado já em outro trabalho e por isto não será discutido aqui mais detidamente, apesar de sua grande pertinência ao tema deste texto, já que os seus organizadores se veem como militantes de um movimento social atuante no campo educacional. Entretanto, valem algumas palavras sobre estes jovens do cursinho popular.

O cursinho se define como um movimento social que luta pelo direito ao acesso e permanência dos jovens trabalhadores na universidade pública. Concebe o cursinho não apenas como preparação para os exames, mas principalmente como preparação à vida universitária, incluindo a formação social e política e, enfim, como parte das lutas pela universalização do direito ao acesso à universidade pública. No município mineiro, assim como na maioria dos outros locais, o cursinho funciona em uma escola pública. No caso estudado, aos sábados. Como estratégia pedagógica, além das aulas das disciplinas, há o “tempo livre” e o “círculo do movimento”, o primeiro voltado ao lazer e à socialização, o segundo à formação social e política:

Para além das 6 horas aulas que temos, temos dois espaços importantes que diferenciam o funcionamento do cursinho. Um deles é o tempo livre, onde as e os estudantes têm um tempo para dançar, jogar bola, conversar, descansar a cabeça, ter integração com as pessoas que fazem parte do cursinho, enfim, se sentirem à vontade de fazer o que quiserem. O outro espaço é o círculo do movimento, baseado no “círculo de cultura” do Paulo Freire, onde contruímos um diálogo e reflexão acerca da nossa própria realidade e de temas geradores. (militante do cursinho).

Além deste trabalho educativo, os militantes do cursinho, no Sul de Minas e em outros estados do país, têm participado de outras manifestações sociais e políticas, como as Jornadas de Junho de 2013 e atos públicos contra o machismo e contra a redução da maioridade penal. No caso pesquisado, na verdade, estes atos públicos, ao lado de um período relativamente longo de formação dos militantes, precedeu o início das aulas do cursinho.

A seguir, o trabalho irá se debruçar principalmente sobre os resultados da investigação com duas organizações, a saber, a seção juvenil 1 de tendência política de esquerda e a seção juvenil 2 de outra tendência de esquerda. As seções juvenis 1 e 2 têm sua principal atuação no interior da própria universidade e são formadas basicamente por estudantes

dela. Elas costumam se organizar para participar das chapas que vêm disputando as eleições para o DCE (Diretório Central Estudantil) nos últimos anos.

A seção juvenil 1 se apresenta como a juventude de uma tendência de extrema esquerda dentro do PT (Partido dos Trabalhadores). Faz parte de suas ações políticas a ocupação de espaços no interior da universidade, como o DCE e os Centros Acadêmicos, bem como outras instâncias decisórias com representação estudantil. Também, o fomento de pautas sociais dentro da universidade (como o combate ao racismo, ao machismo e à homofobia e a defesa das cotas sociais e raciais no acesso à universidade pública), a relação com movimentos sociais (como o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra], o MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens] e a Marcha Mundial das Mulheres) e a formação de quadros da tendência do PT da qual faz parte.

Na busca por documentos oficiais relativos à seção juvenil 1, os estudantes-pesquisadores encontraram a menção a um coletivo de mesmo nome em uma cartilha datada de 2009 redigida na Bahia por estudantes universitários, coletivo que chegou a participar da Revolta do Buzu, na Bahia, em 2011. Há dúvidas sobre qual é a real continuidade entre este coletivo e a seção juvenil 1, que leva o mesmo nome, que não foram dirimidas com as entrevistas. A principal diferença, tomando como base a cartilha, é que o coletivo definia-se outrora como apartidário, muito próximo ao ideário anarquista ou autonomista, como aquele vindo do movimento antiglobalização dos anos 1990. Como semelhanças, pautas sociais para além dos temas tradicionais da esquerda, pois que envolviam o combate ao racismo e homofobia e a defesa das cotas sociais e raciais. Mais importante, é que a estrutura organizativa defendida pela cartilha se mantém na seção atual, ainda que agora ela se defina como a organização juvenil de uma tendência de um partido.

Ainda segundo documentação encontrada pelo grupo, a partir de 2012, por meio de uma resolução, o nome daquele coletivo passa a ser usado para descrever a divisão juvenil da tendência de extrema esquerda do PT. De acordo com a resolução, a seção juvenil atuaria como articuladora e formadora de base nas instituições de ensino médio e superior. Também, buscaria ocupar espaços nas instâncias administrativas das instituições de ensino e nas entidades estudantis oficiais, incluindo a UNE (União Nacional dos Estudantes).

São vários os núcleos desta seção juvenil da tendência do PT em todo o país. Os núcleos estaduais têm liberdade de definir suas pautas, formas de luta e até mesmo a sua

“logomarca”, o que demonstra que a seção adotou certas características típicas das organizações inspiradas nos movimentos autonomistas e antiglobalização, como a descentralização, a horizontalidade e a fluidez – reforçando a hipótese da origem autonomista deste coletivo, fora daquele partido político.

No município sul-mineiro, a seção juvenil 1 passou a ser mais ativa a partir de 2013. A grande maioria de seus militantes são estudantes da universidade, mas, segundo as entrevistas, há alguns estudantes de Ensino Médio que fazem parte da seção, inclusive formando um grêmio estudantil em uma escola pública do município.

Na entrevista, os militantes da seção 1 afirmam que, de modo distinto ao de outras organizações juvenis de esquerda presentes na universidade (se referindo aos jovens do cursinho e à seção juvenil 2), não se caracterizam por atividades lúdicas ou místicas, mas sim pela ação política direta, formação política e estudos teóricos. Segundo um dos membros entrevistados, corroborado pelos demais, eles se definem como “petistas e leninistas, “com muito orgulho”. (militante A da seção juvenil 1). Não é à toa que aquela fluidez dos núcleos estaduais na definição das pautas de luta, que certamente contradiz com o ideal leninista de organização, é criticada por este mesmo militante da seção juvenil no município sul-mineiro: “É meio que parte boa e a parte ruim... que seus núcleos estaduais tenham liberdade de ter suas pautas e próprias bandeiras. Mas a parte ruim é que a gente precisa trabalhar uma identidade própria nacionalmente.” (militante A).

No município mineiro, os militantes da seção 1 carregam a bandeira do partido em todos os eventos, assumem que fazem trabalho “de base” em prol da tendência do partido e que apoiarão a campanha do candidato do PT nas próximas eleições no município. Recentemente, esta posição tem criado dificuldades à seção juvenil 1, dada a crescente desconfiança em relação ao PT e ao governo federal atual, não apenas entre estudantes universitários mas entre militantes de outros partidos de esquerda.

A nossa (bandeira) é um pouco mais complicada porque é do PT. E a gente sempre encontra muita resistência a nossa bandeira. A gente não vai deixar de carregá-la por isso. A gente não vai esconder a bandeira, mas é bem complicado a aceitação da nossa posição nos espaços que a gente ocupa; inclusive e principalmente nos espaços da esquerda. (militante B, feminino, da seção juvenil 1).

Talvez também seja motivo de dificuldades, a defesa de uma participação política com características da militância ao estilo leninista, a qual parece destoar de tendências apontadas mais recentemente por pesquisadores sobre a relação dos jovens brasileiros

com a política. Considera-se a militância ao estilo leninista como aquela marcada pela obediência estrita às determinações dos órgãos dirigentes, a dedicação em tempo quase integral ao partido, em formação teórica sólida e a estratégia de ocupação dos espaços políticos. Quanto aos jovens brasileiros atuais, estudos têm apontado não apenas preocupações de caráter mais individualista em relação ao consumo e a própria inserção no mundo do trabalho (BARBOSA, 2008, BRANDÃO, 2008), mas também a crescente rejeição à política marcada por partidos burocratizados e pela democracia meramente representativa (SOUSA, 2008) e, enfim, a diversificação das formas de participação social e política, por vezes fluida, volátil e preocupada com a intervenção direta na vida social (SILVA & CASTRO, 2013).

Contudo, percebe-se pelas entrevistas que a seção juvenil 1 e a própria tendência que a abriga buscam vincular à militância ao estilo leninista algumas características que marcam o “ativismo” e a participação direta. Entre elas, a valorização da horizontalidade nas decisões, a evitação de hierarquias internas e da distribuição formal de cargos, a inserção em eventos de caráter social e político dentro da universidade, a adoção de pautas identitárias relativas a gênero, raça e sexualidade e a adoção de uma noção mais ampliada de política, a qual considera que “toda ação é política”, como se verá. Entretanto, tanto aqui quanto na seção juvenil 2, emergem lideranças no seio do coletivo apesar da ausência de cargos formais, seja por meio do “carisma” do militante, seja por causa da experiência adquirida pelos membros mais antigos.

Também de modo semelhante aos “coletivos fluidos”, de que falam Silva & Castro (2013), os militantes da seção juvenil 1 no município mineiro se integraram a ela principalmente por meio de relações de amizade, ainda que seus relatos procurem referendar a afinidade ideológica. Enfim, a seção juvenil 1 tem uma noção extremamente valorizadora do papel dos jovens no interior do partido e da tendência partidária, em que a juventude, ao estilo de Mannheim (1982), é considerada como a força potencial transformadora da sociedade. A juventude se torna o “motor” da revolução:

E a gente acredita que só a juventude pode fomentar a questão do processo revolucionário dentro dos ideais que a gente acredita, até porque a gente fica brincando que a velha guarda teve sua importância, mas que passou o momento dela, e eles são, ficam como os conselheiros, são antigos, sabem muito mais do que a gente, mas que o processo revolucionário, dentro do que a gente acredita, quem vai ser o fomentador disso tudo é a juventude. (militante A, masculino, da seção juvenil 1).

A seção juvenil 2 tem inúmeras semelhanças com a seção 1. Na verdade, nos anos de 2014 e 2015, realizaram inúmeras ações em conjunto, incluindo a formação das chapas que venceram as eleições ao DCE da universidade, atos públicos, dentro e fora da universidade, e cursos de formação.

A seção juvenil 2 não se apresenta simplesmente como a “juventude” de uma tendência política de esquerda. Nas entrevistas, os membros da seção titubeiam em apresentá-la como independente da tendência política com quem tem relações orgânicas. Ora chamam sua seção de movimento social em apoio às lutas juvenis, ora de setor juvenil de um dado projeto ideológico, ora assumem ser o setor juvenil da tendência política, cujas análises de conjuntura têm orientado estes jovens militantes. Na verdade, há certa indefinição na própria tendência política, que se divide entre aqueles que defendem a sua formalização como partido político e aqueles que defendem a sua continuidade como “movimento social” pouco institucionalizado. Tal tendência é formada por diversos ex-militantes do PT e outros que demonstram afinidade com tendências mais à esquerda do próprio PT. Suas análises têm combinado críticas às políticas econômicas dos governos Lula e Dilma com o reconhecimento de diversas conquistas sociais de seus mandatos e a proposta de lutas sociais para o aprofundamento delas.

O material disponível na Internet apresenta a seção juvenil 2 como tendo se originado em um estado da Região Sul do país, em 2006, principalmente em apoio aos jovens do MST, a partir do qual criou núcleos em todo o Brasil. Se tornou conhecida principalmente na promoção de atos públicos em repúdio a torturadores ativos durante o Regime Militar e em apoio à Comissão da Verdade, instalada para investigar os desrespeitos aos direitos humanos durante a ditadura.

Três frentes de atuação se destacariam nesta seção: os jovens estudantes, os jovens das periferias e os jovens do campo. Afirmam que um tripé orienta este “movimento social” da juventude: a organização, a formação política e a luta, numa releitura das ideologias políticas de esquerda que parece combinar tendências diversas, como o leninismo e a educação popular freireana. Assumem como método de ação política a *agitoprop* leninista (“Agitação e Propaganda”). Mas a interpretação da *agitoprop* pela seção 2 parece aproximá-la das contraculturas, pois, de acordo com os documentos e as entrevistas, não se trata apenas de discursos em atos públicos, mas também panfletos criativos, pichações, cartazes (“lambe”), teatros, *clown*, música, poesia, camisetas, broches, bandeiras, jornal,

rádio, carros de som etc. Inclusive graças à proximidade com o MST, a seção juvenil 2 costuma fazer uso da “mística” em suas ações políticas e reuniões de formação – herança que o MST trouxe da Pastoral da Terra, na qual são celebradas as lutas populares, com hinos, encenações e símbolos.

Se a seção juvenil 1 parece se identificar com táticas de propaganda e formação de maior sobriedade, a seção 2 assume o “fervor” da juventude, como diz um dos entrevistados, destacando o “viés artístico” e o uso amplo do *jingle*. Outro entrevistado cita o uso do *hip hop* entre os jovens das periferias.

Tudo... tudo o que a gente faz é por meio de arte. Porque é um jeito de chegar, não é? É um jeito de passar informação. É mais difícil parar a pessoa na rua e dizer: “Olha! Você sabe o que está acontecendo?” Ela não vai te ouvir! Agora, se ela ver o lambe, se ela ver você de camiseta, sabe? (militante A, feminino da seção juvenil 2).

Assim como a seção juvenil 1, os militantes da seção 2 buscam uma leitura da realidade que combina a denúncia da exploração econômica e das desigualdades sociais do capitalismo (e a luta pelo socialismo) com lutas identitárias, especialmente contra o patriarcalismo e o racismo. Ao lado da defesa dos jovens trabalhadores do campo e da cidade, o discurso da seção juvenil 2 trata do machismo, da homofobia, do massacre dos jovens negros e da questão ambiental. Mais nos documentos do que nas entrevistas, também se defende a autodeterminação dos povos subalternos, outro tema clássico das esquerdas que é trazida como parte das lutas da seção. Segundo um dos entrevistados, a seção “não se limita a apenas uma linha de ação [...], mas sim, linhas de ação que correspondam a todas as áreas em que a opressão se faz presente.” (militante B, masculino, da seção juvenil 2).

No município sul-mineiro, e de acordo com outros exemplos recolhidos em outras partes do país, a seção juvenil 2 também atua principalmente a partir da universidade, e boa parte de seus militantes são estudantes dela, assim como a seção juvenil 1. Também apresentam-se ao lado de movimentos sociais como o MST, a Via Campesina e o MAB. Mas ela parece ter ainda mais fluidez, horizontalidade e aderência às pautas identitárias que a seção juvenil 1 (ao menos neste município). Sobre a forma de organização, nas entrevistas os militantes da seção 2 afirmam que cada um desempenha o papel para o qual considera ter maior aptidão, de maneira voluntária.

Os militantes da seção juvenil 2 também destacaram as dificuldades de atingir os jovens estudantes universitários. Entre os motivos citados nas entrevistas, desencorajamento familiar, dificuldades do estudante conciliar vida acadêmica, social, familiar e afetiva com a militância, concepções negativas dos jovens sobre a política, crescente individualismo e falta de pensamento crítico.

Ser jovem

Dois conjuntos de questões serão destacados nos próximos itens. Primeiro, aquelas questões relativas à concepção de juventude. Segundo, aquelas relativas à concepção de política. As respostas vindas das seções juvenis 1 e 2 lançam alguma luz sobre as possibilidades trazidas e os desafios enfrentados pelos movimentos sociais ancorados nos jovens estudantes universitários em nosso país, na atualidade.

Em relação à questão “o que é ser jovem para você?”, os excertos das entrevistas, abaixo, trazem interessantes dados:

[militante A, masculino, Seção juvenil 1]: “o que é ser jovem...”
(pensando)

[militante B, feminino]: Difícil... (risos)

[militante A]: Ah, então... acho que é um momento de formação e idealização... é um momento transitório da infância pra uma fase adulta... É muito subjetiva a pergunta, então é complicado responder

[militante A]: É um momento de estruturação pessoal da pessoa pra... pro dia a dia, pro que ele vai ser no futuro...

[militante C, masculino]: É a estruturação do indivíduo enquanto ser social, não é? Não só na instância política, nem só no campo subjetivo, na vida própria, mas na... é... pra sociedade, não é? É a formação pra sociedade, como cidadão mesmo... acho que é isso.

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: Eu acho que essa questão é a mais difícil: “O que é ser jovem, pra você?” (pausa). Ah! Então, ser jovem é... sei lá! É quando você começa a constituir... sei lá... a sua consciência, assim... como pessoa. Porque quando você é criança, você recebe tudo o que a família te dá..., a escola..., você não questiona. Quando você é adulto, você já recebeu isso tudo..., talvez você questionou ou não, mas só que você está incluso nessa sociedade. O jovem está numa posição crítica. [...] Ser jovem é...é a pergunta mais difícil.

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: Ser jovem é ter diversas perspectivas em aberto e aos poucos limitar isso, entendendo melhor o mundo e encontrando para si um espaço nele.

Chama a atenção nas respostas, primeiro, as dúvidas e as dificuldades assumidas por vários dos militantes em relação à definição de juventude. Em seguida, a principal imagem da juventude (Dayrell, 2003) ativada para esta definição, a juventude como

transição à vida adulta, no uso de expressões como transição, formação para o que se vai ser no futuro e estruturação do indivíduo para a vida social ou pública. No caso da militante A da seção 2, a formação de consciência crítica indica que o jovem pode questionar a forma como a sociedade se estrutura atualmente, de modo que a resposta também ativa a imagem da juventude como “naturalmente militante”, assim como a concepção de Mannheim (1982) sobre a potencialidade contestadora das jovens gerações.

Neste sentido, as respostas indicam que os jovens militantes, se fazem profundas reflexões e análises políticas da realidade, não costumam analisar a própria condição juvenil, o que explica a dificuldade e o desconforto com a questão – algo não esperado inicialmente pelos entrevistadores. Também, as respostas ativam imagens limitadas de juventude, segundo Juarez Dayrell (2003), que reduzem a complexidade da condição juvenil à transição – esta, ainda, pensada de modo linear ou evolutivo – ou à militância natural.

Apesar destas seções juvenis adotarem com grande consistência os temas identitários e as estratégias horizontais de organização, num primeiro momento não há o mesmo grau de consistência na auto-reflexão sobre a condição juvenil. Por exemplo, enquanto estes coletivos juvenis têm trazido temas instigantes, como questões de gênero e sexualidade, racismo, acesso e permanência na universidade, não apenas aos discentes, mas à própria universidade em seu todo, nas respostas acima seus militantes ativam a imagem do jovem – apenas ou predominantemente – como ser em transição ou preparação. Há um descompasso entre as práticas destes jovens, nas quais eles são sujeitos sociais plenos, nos termos de Dayrell (2003), e a dificuldade de assumir esta condição ativa e criadora.

Quanto à questão “o que é a juventude para a organização?”, as respostas foram as seguintes:

[militante B, feminino, Seção juvenil 1]: O Coletivo é um coletivo de juventude. Então, a militância toda é voltada para a juventude. Nós desenvolvemos ações dentro da juventude. Mesmo quando a gente sai e tenta conversar com outros movimentos, é com a juventude desses movimentos.

[militante B, masculino, da seção juvenil 2]: [...] Nossa! Juventude é a hora de a gente mudar! É a hora que a gente tem que ter o despertar, assim... [...] é você se levantar contra algo. E na juventude é a hora em que você está mais apto a fazer aquilo, sabe? Che Guevara diz isso, não é? Se você é jovem e não é revolucionário, não adianta nada você ser jovem. Você é um jovem num mundo de conformidade. Você se conforma com isso. Então a gente aproveita esse fervor que a gente tem

na juventude e se organiza e faz o melhor que a gente tem, pra fazer assim. Com todas as nossas possibilidades e particularidades... da juventude.

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: É o sujeito que queremos organizar: moças e rapazes que estão nas escolas, nas universidades, que muitas vezes trabalham no campo ou na cidade e que querem se fazer ouvir, que têm coragem de intervir de forma criativa.

As respostas são muito interessantes, ao revelar que, para as seções a juventude são os sujeitos que devem mobilizar. Veja-se lá que a juventude não é definida pelo militante B da seção juvenil 1, nem pelo militante C da seção 2: eles identificam os jovens como a faixa populacional a ser mobilizada, dentro dos setores em que as tendências políticas de esquerda atuam. Já o militante B da seção 2 ativa com mais força ainda a imagem da juventude como “naturalmente” militante, ou seja, os jovens são sujeitos com tendências “naturalmente” críticas e mesmo “revolucionárias”, mas que continuarão na “conformidade” caso este “fervor” típico da juventude não seja ativado via organização política.

Estas respostas renovam a fragilidade da concepção de juventude destas organizações juvenis, provavelmente pela falta de reflexão em relação ao tema, ou pelo fato de que estas seções juvenis e as tendências políticas que as informam fazem uso de fontes tradicionais sobre a militância e a participação política dos jovens. Por isto, a noção sistematizada por Mannheim (o potencial contestador da juventude) é recorrente, servindo para reforçar a imagem da juventude naturalmente militante, mas cujo ímpeto crítico, ou “fervor”, precisa ser organizado e canalizado pela sociedade (ou pelos militantes jovens e/ou adultos) para a renovação ou transformação social. Che Guevara, referência mais cara às tendências de esquerda aqui tratadas, é inclusive nomeado para referendar esta imagem.

Também se fez presente a imagem da juventude como transição, como preparação aos papéis sociais como adulto – inclusive como militante adulto -, ainda que esta imagem tenha sido mais forte nas respostas à primeira questão. Esta presença revela a manutenção de certa concepção de política em que a participação juvenil é uma espécie de “pré-política”, dado que apenas prepara para a atuação realmente “política” na maturidade, sendo a juventude tão somente um período para a aquisição de valores e habilidades que capacitariam o sujeito à cidadania efetiva na vida adulta. Trata-se da concepção tradicional de “socialização política” (OPPO,1998) que vem sendo criticada por

pesquisadores (CASTRO, 2009) e contestada pelas práticas das próprias organizações juvenis, inclusive por estas duas seções juvenis de esquerda.

Veja-se lá, as respostas sobre “Como têm sido as relações entre os jovens e os adultos no interior da organização ou entre as seções juvenil e adulta da organização?” foram as mais longas, incluindo certo debate entre os próprios entrevistados. Mesmo que reconheçam a importância dos militantes adultos e mais experientes, incluindo os que passaram pelas seções juvenis, os militantes jovens afirmam a autonomia de suas seções e de suas práticas, inclusive porque tratam de temas específicos dos jovens. As respostas revelam uma prática de atuação política em que as questões que interessam aos próprios jovens, em diferentes setores sociais (universidade, campo, periferias), são por si só políticas e devem ser tratadas pelos próprios jovens e suas organizações. Por conta do espaço, são trazidos excertos das respostas àquela questão:

[militante D, feminino, Seção Juvenil 1]: Acho que a gente está pra isso, pra trazer para os jovens que eles têm um espaço político e que as ações nossas são pra eles. Pra que eles se sintam dentro de um espaço. Então, igual o secundarista daqui do colégio. Ele não tinha uma ideia de nada e aos poucos ele foi conhecendo o que é política. Ele foi entendendo o espaço que ele habita, que ele pode mudar o espaço e ajudar o outro a compreender o porque dele estar aqui.

[militante B, feminino]: E nós somos a juventude de um partido. Nós somos a juventude organizada de um partido. É um... Nós estamos em disputa o tempo todo porque a juventude precisa ser reconhecida mesmo dentro da organização que ocupa. Então, nós temos este posicionamento também. Nós somos a juventude dentro de um partido.

[militante B, masculino, da seção juvenil 2]: [...] A nossa juventude tem autonomia nos atos, autonomia no que faz. Nenhum movimento social assim, que é desses barbudos, mais velhos, chega assim e diz “Não! Ô molecada! Vocês têm que fazer isso aqui.” Então... a gente sempre dá prioridade para a luta do jovem. Não que a gente exclua... é porque eles já estão organizados e a gente se inspira neles e a gente quer massificar e com tudo o que a gente tem pra ajudar, a gente ajuda, mas o nosso alvo são os jovens, sabe? [...] Ele já passou por aquilo e a maioria desses militantes são militantes antigos mesmo. Desde a juventude passaram por isso. [...] É um caminho! Exato! Numa hora, nós teremos que parar de ser da seção juvenil e tomar partido sobre outra questão.

Quanto ao segundo bloco de questões, trata basicamente da concepção de política para o militante e para a seção juvenil. Tanto na questão sobre o que é política para o militante, quanto o que é para a organização, percebeu-se mais facilidade de articulação das respostas. Mas não deixaram de haver hesitações e dúvidas, inclusive porque, ao que parece, duas concepções de política se sobrepuseram nas respostas: a política como a

administração ou gestão de uma sociedade por meio de um conjunto de instituições que detêm o monopólio do poder político; a política como os processos cotidianos de dominação e resistência, nas quais todos participam e que atravessam todos os setores da vida social. As respostas foram longas, em um interessante debate entre entrevistados e entrevistadores, mas será preciso trazer apenas alguns excertos:

[militante C, masculino, da seção juvenil 1]: Política é uma prática de gestão de território, é... a ação, não é? É a ação que mostra que nós todos somos indivíduos de um mesmo grupo social, dos brasileiros, nosso território é o Brasil! Política é a ação de administrar e de gerir este território.

[militante B, feminino]: Todos os nossos atos são atos políticos, tudo o que a gente faz é em alguma instância movida por algo... por alguma outra coisa e... política é isso.

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: Pra mim... pra mim? Política pra mim é a organização do poder que a gente tem. Tipo de organizar o poder. Eu acho que é uma das coisas mais importantes que o ser humano inventou. Sem política não tem como ter sociedade. Não tem como ter nada. Política é organização. É o meio de organizar o mundo, gente. Não tem como viver sem política.

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: Política é relação de poder. Quem está mandando e quem obedece. Quem dita as regras do jogo e quem se beneficia com elas. Quem paga por elas. Quem morre por elas.

[militante B, masculino, da seção juvenil 1]: A política que a gente bate de frente é contra essa política institucional que a gente tem. É a falta de representatividade do povo, sabe? [...] É prezar pela representatividade mesmo... deixar claro que a mulher tem que estar lá, que o negro tem que estar lá... que o jovem tem que estar lá... que o estudante tem que estar lá...

[militante A, feminino]: O trabalhador tem que estar lá...

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: [...] Política pra gente é a gente se organizar e a não conformidade com as coisas. É a gente ir lá e lutar enquanto movimento. Lutar com os outros movimentos. Não tá... tipo assim... a gente saber que o nosso papel não é de conformismo [...].

As respostas têm grande riqueza e complexidade. Ativam, sim, aquelas duas concepções de política, que no limite são contraditórias. Mas os jovens militantes combinam, por vezes, estas concepções. Por exemplo, os militantes da seção juvenil 1 assumem-se como a juventude de um partido político de esquerda, mas ao mesmo tempo acatam uma noção mais ampliada de política, na qual ela se enraíza nas decisões e nas resistências do cotidiano. Em seguida, estes jovens da seção 1, assim como os da seção 2, afirmam que a política, para a seção, é a organização dos jovens para participar das lutas sociais, em

uma concepção de política próxima daquela dos novos movimentos sociais, que valoriza a participação e as pautas identitárias, ainda que ao lado das pautas sociais “clássicas”. (MESQUITA, 2008).

Os militantes da seção juvenil 2 contestam a noção de política atrelada às instituições oficiais, como os partidos. Mas suas respostas também revelam a forte presença daquela noção institucional de política, mais até do que os da seção 1. Elas tratam da política como organização da sociedade e poder institucional. Revela-se aquele dilema enfrentado pela própria tendência de esquerda ao qual a seção juvenil 2 tem relações orgânicas, oscilando entre o desejo de se tornar um partido político ou se manter como “movimentos social”.

Assim como nas questões sobre a noção de juventude, as respostas sobre o tema política revelam, por um lado, as origens “clássicas” da *práxis* da militância das tendências “adultas” de esquerda, as quais as seções juvenis compõem, explícitas nas referências a Lenin e Che Guevara, implícitas nas concepções tradicionais de política institucional e representativa e na noção de socialização política (como mera formação dos jovens para a vida política plena apenas na idade adulta). Mas, por outro, revelam também a prática e a concepção de política (ainda que mais a prática) como a possibilidade de participação nas resistências na vida cotidiana, bem como a imagem do jovem como sujeito social e político pleno, exercendo a cidadania de modo ativo nas lutas em relação às questões próprias que o afligem, relacionando-as com as tendências mais gerais do mundo social e político.

Considerações Finais

As últimas palavras deste texto concentram o esforço de pensar as dimensões educativas e de formação política presentes nas experiências aqui sistematizadas.

As interpretações a respeito das duas seções juvenis políticas de esquerda, tratadas mais profundamente neste trabalho, ao lado daquela sobre os jovens do cursinho popular, indicaram algumas possíveis tendências dos coletivos estudantis universitários politizados, de caráter progressista. Primeiro, a adoção de formatos organizacionais mais flexíveis, horizontais e participativos, mesmo que combinados à *práxis* da militância clássica (como as referências a Lênin e Che Guevara). Segundo, a combinação entre as pautas sociais clássicas das esquerdas com as pautas identitárias, mas de um modo bem mais orgânico e consistente que o flagrado em estudos de Mesquita (2008) sobre as organizações estudantis no início deste século.

Quanto às concepções de juventude e política, as seções juvenis de esquerda, em suas entrevistas, renovaram esta convivência entre tendências clássicas e contemporâneas de militância. Mas também indicaram contradições, aqui trazidas com a intenção de que os próprios militantes venham a refletir sobre elas. Parece haver, primeiro, um descompasso entre as concepções de juventude verbalizadas – transição e militância “natural” - e aquelas praticadas – nas quais os jovens são sujeitos sociais e políticos em plenitude. Segundo, uma contradição entre as duas concepções de política ativadas: aquela que associa a política apenas às instituições representativas de poder e de gestão da sociedade; aquela que reconhece a política como ação e resistência em todos os âmbitos da vida social.

Em relação à concepção institucional e representativa de política, revela-se outro descompasso entre a prática e o discurso das seções juvenis, em que a prática parece mais contemporânea que o discurso. Trata-se da noção tradicional de socialização política, em que o jovem (assim como a criança) são considerados como seres pré-políticos e, portanto, sua participação em debates e lutas relativas às suas demandas não seriam propriamente políticas, servindo apenas como preparação para a atuação na “esfera pública”, como cidadão adulto amadurecido.

Enquanto isto, na prática, mas também em parte de seus discursos, os militantes destas organizações têm ensinado aos próprios jovens estudantes - e aos adultos da universidade que conseguem a suficiente abertura para tanto - muito sobre a participação política e as pautas identitárias. E o fazem por meio de novas estratégias de formação política. Suas reuniões e atos públicos têm sido, ao mesmo tempo que práticas organizativas e políticas, práticas de formação política, nas quais alguns jovens têm ensinado - a si mesmos e a outros jovens e adultos – o caráter político das lutas contra as violências cotidianas que afligem jovens mulheres, negros, homoafetivos, pobres, camponeses e universitários. E, enfim, que estas lutas que têm à frente jovens militantes são plenamente políticas, buscam resultados concretos no tempo presente e têm impacto relevante nas relações sociais contemporâneas. São, portanto, muito mais do que ensaios do espaço público e simulacros do agir político.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, A. O Movimento Estudantil Brasileiro: do início da década de 1990 a 2001. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 53-65.

BRANDÃO, C. S. Movimento Estudantil contemporâneo: temas mobilizadores e formas de atuação. GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 66-83.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisas**. v. 25, n. 4, 2009, p. 479-487.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. set./dez. 2003, n. 24, p. 40-52.

GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). **Juventude e movimento estudantil: ontem e hoje**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008a.

_____; _____. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008b.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Mannheim**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MESQUITA, Marcos R. Movimento estudantil e as questões de gênero e diversidade sexual. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 84-107.

OPPO, Anna. Socialização política. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (org.). **Dicionário de política**. 11a ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1202-1206.

SILVA, C. F. S. e CASTRO, L. R. Para além das fronteiras convencionais do ativismo político: a inserção de jovens em “coletivos fluidos”. In: BEZERRA, H. D. & OLIVEIRA, S. M. (orgs.). **Juventude no século XXI: dilemas e perspectivas**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013, p. 14-44.

SOUSA, J. T. Os jovens contemporâneos e a política contra o instituído. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 117-156.

SOUZA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009.

Autores	GT-03
LUZIÂINE ANDRADE DO CARMO	MOVIMENTOS SOCIAIS, SUJEITOS E PROCESSOS EDUCATIVOS

O “RE-VER”, “RE-PENSAR” E “RE-DIZER” – UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA DO SUJEITO COGNOSCENTE